

## Coluna:



## HISTÓRIA E CINEMA: UMA ANÁLISE DO FILME CALÍGULA

Por Danielle Guedes dos Santos

**RESUMO:** Apresentado pela historiografia romana como um Imperador dado aos prazeres carnavais mais extremos, Calígula tem sua memória propagada pelo cinema com cenas que envolvem orgias sexuais constantes, torturas e assassinatos por desejo incontrolável. Como base para a relação cinema-história, as construções cinematográficas nos proporcionam um diálogo com elementos que transitam entre o macro e o micro universo da História, nos evidenciando por vezes, os pormenores que passam despercebidos a primeira vista. Neste sentido, o presente artigo busca estabelecer um diálogo de análise entre a história do Imperador Romano Caio César Germânico, chamado Calígula (c. 37 a 41 d.C.) e a produção cinematográfica de 1979, intitulada *"Calígula"*, inspirada nos relatos e documentações históricas de seu período.

**Palavras-Chave:** Calígula – Cinema – Películas Fílmicas – Império Romano.

### Introdução:

*"Nada mais justo que a História se utilize do cinema, pois desde muito tempo, a História vem servindo de fonte de inspiração para muitas formas de representação, sejam elas lendárias, teatrais, literárias, plásticas e várias outras<sup>1</sup>."*

Conhecida como a 7ª Arte, o cinema ganha suas representações de imagens vistas em movimento a partir da contribuição da apresentação no Salão Grand Café, pelos Irmãos Lumière na Paris dos anos de 1895, graças a seu invento denominado *Cinematógrafo*<sup>2</sup>.

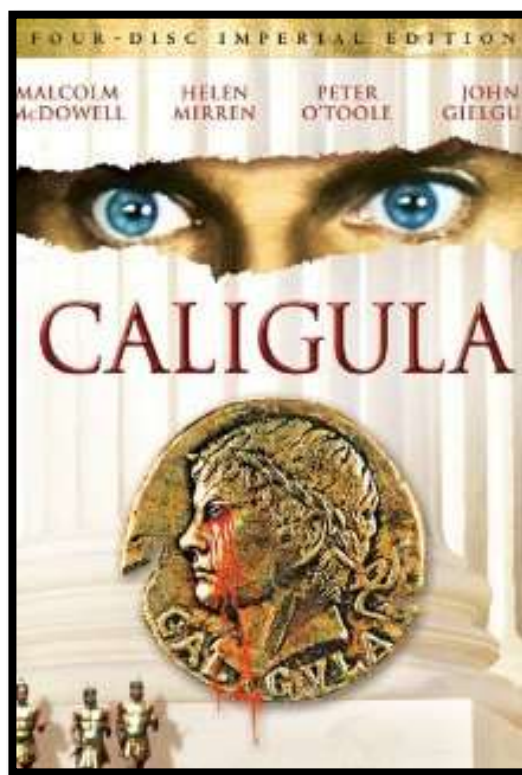
<sup>1</sup> GRALHA, Fernando. *No escuro do cinema: reflexões sobre as relações entre cinema e História*. Rio de Janeiro, Gnarus Revista de História, v. I, nº 1 – Novembro de 2012, p. 51.

<sup>2</sup> Aparelho portátil que consistia em três utilidades: máquina de filmar, de revelar e projetar. Foi baseado na invenção feita por Thomas Edson em 1891, o *cinetógrafo* e o *cinemetoscópio*.

A História tem se utilizado das produções cinematográficas por conta da grande visibilidade e alcance que a tela grande pode proporcionar acerca de um determinado período ou acontecimento histórico. Um dos mais importantes historiadores da 3ª geração da *Escola dos Annales*, responsável por inaugurar as concepções, relações e teorias da chamada cinema-história, Marc Ferro, estabelece que “um filme diz tanto quanto for questionado”<sup>3</sup>, propondo desta forma uma “relação entre historiadores e a tela grande”<sup>4</sup>.

Partindo desse ponto, as revisões historiográficas da Nova História, colocam o uso do cinema como um documento/monumento<sup>5</sup> a partir da sua utilização como documentação primária de análise, cujo objetivo desse aporte teórico-histórico atende ao cinema como *monumentum*, onde confere um “sinal do passado”<sup>6</sup> que configura o monumento sendo “tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”<sup>7</sup>; e o *documento*, como fonte de escolha do historiador<sup>8</sup>, sendo ele escrito ou imagético, por exemplo.

Ao fazer uso do cinema como base de análise de seu trabalho, o historiador deve se propor a realizar uma crítica interna e externa, buscando extrair da temática apresentada no filme a veracidade dos



fatos e aspectos históricos dispostos nas filmagens. Como todo documento de análise consultado para elaborar um discurso histórico, devemos levar em consideração a ideologia de produção do filme, que parte da subjetividade de quem o produziu e de quem o analisa. Tornando-o como objeto de estudo, o filme ao atingir a categoria de documento histórico, pois se trata de uma produção humana, esse pode ser observado obedecendo a

certo rigor de análise, como já abordara Eduard Carr ao propor algumas ideias e indagações ao documento histórico, tais como: Quem fez?; Para quem fez?; Para que fez?; Como fez?; Por quê Fez?<sup>9</sup>.

*“Algumas obras, por exemplo, podem ser de grande utilidade na reconstrução do gestual, do vestuário, do vocabulário, da arquitetura e dos costumes do período”<sup>10</sup>. A memória presente nas produções cinematográficas nos permite de muitas formas relembrar um determinado período, sendo fundamental ao trabalho do historiador, pois é possível perceber a construção das relações com as produções do período citado no filme, decompondo as “características e aspectos que a imagem filmática constrói” fazendo chegar ao “que não foi mostrado de imediato pelo cineasta”<sup>11</sup>.*

Analisando o filme *Calígula*, temos a percepção – em parte – de como a sociedade do Império Romano vivia, em especial o Imperador Calígula, cujo filme retrata suas atividades com base em

<sup>3</sup> FERRO, Marc. *O filme: uma contra-análise da sociedade?*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Dir.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976. 3v.

<sup>4</sup> GRALHA, 2012, p. 50.

<sup>5</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. São Paulo, Editora da UNICAMP, 1990.

<sup>6</sup> LE GOFF, 1990, p. 535.

<sup>7</sup> Ibid, idem, p.535.

<sup>8</sup> Ibid, idem, p.535.

<sup>9</sup> CARR, E. H. *Que é História?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

<sup>10</sup> GRALHA, 2012, p. 51.

<sup>11</sup> Ibid, idem, p.51.

algumas questões evidenciadas pela historiografia, atribuindo o sentido de que “todo filme é um documento, desde que corresponda a um vestígio de um acontecimento que teve existência no passado, seja ele imediato ou remoto”<sup>12</sup>. Portanto, este trabalho versa em analisar os aspectos históricos do filme *Calígula* de 1979, contribuindo para uma reflexão acerca da relação entre história e cinema.

### ***Calígula: o filme e a história***

*Calígula* é um filme produzido nos anos de 1979 da nossa era, tendo sua produção elaborada em dois idiomas, o inglês e o italiano. Dirigido por Tinto Brass, Giancarlo Lui e por Bob Guccione, fundador da revista *Penthouse*. O filme gira em torno da ascensão e queda do Imperador Romano Caio César Germânico, mais conhecido como *Calígula*. *Calígula* foi escrito por Gore Vidal, co-financiado pela revista *Penthouse*, e produzido por Guccione e Franco Rossellini. O filme é estrelado por Malcolm McDowell no papel do Imperador. *Calígula* foi o primeiro grande filme a mostrar atores famosos envolvidos em cenas de sexo explícito.

O filme conta a história de *Calígula*, que comandou o Império Romano no período de c. 37 a 41 d.C. Em seu Império dito “orgiaco e sangrento”, ele faz com que assassinem vários membros da aristocracia do Senado; mantém um caso com a própria irmã, Drúsila; casa-se com Cezônio e concede ao seu cavalo, *Incitatus*, as insígnias de

Senador. A produção de *Calígula* recebeu duras críticas pelo exagero na propaganda sexual contida no filme, chegando por vezes, a perder parte da essência do conteúdo histórico a ser passado nas películas filmáticas.

O Império de *Calígula* é abordado principalmente na obra de Suetônio<sup>13</sup>, na biografia que trata da “*Vida dos Doze Césares*”. Em seu título original *De Vita Caesarum*, Suetônio se propõem a analisar e relatar os acontecimentos ocorridos no governo dos 12 Césares desde o Imperador Júlio César até a dinastia dos Flávios, que tem seu término com o Imperador Domício. A obra de Suetônio torna-se uma importante “fonte para o estudo da vida desses administradores e também para entendermos melhor o poder exercido por eles que viveram em Roma, da transição da República para o Império”<sup>14</sup>.

*“Entre esses personagens históricos, Caio César Germânico, mais conhecido pelo cognome de Calígula, ocupa um lugar significativo no imaginário do homem ocidental, que através de livros, peças de teatro e películas cinematográficas perpetua a imagem deste imperador como um chefe de governo capaz de executar homens a seu bel prazer e perpetrar atos políticos que de tão esdrúxulos parecem mais pertencer à ficção do que corresponder a fatos históricos.”*<sup>15</sup>

Caio César Germânico. Chamado como *Calígula* na história do Império Romano, filho do popular General Germânico e de Agripina, que “era aquela mulher que Tibério havia banido”<sup>16</sup>, *Calígula* pertencia à casa imperial cujos descendentes tinham sido as “vítimas dos massacres de Tibério e de Sejano”<sup>17</sup>. Tinha três irmãs que haviam escapado às temíveis conspirações e atentados. “Após a

<sup>12</sup> Ibid, idem, p.51.

<sup>13</sup> Nascido provavelmente em Roma do período de c. 69-141 d.C., Suetônio grande erudito e estudioso da retórica, ocupou o cargo da magistratura como Secretário Imperial de Trajano e Adriano, pela sua convivência e relação com Plínio o Jovem.

<sup>14</sup> FRANÇA, Tiago; VENTURINE, Renata Lopes Biazotto. *UM ESTUDO SOBRE A “AS VIDAS DOS DOZE CÉSARES”* DE

SUETÔNIO. VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais. Universidade Estadual de Maringá, 2000.

<sup>15</sup> CUNHA, Hugo de Araujo Gonçalves da. *Poder e Violência em Sêneca na Época de Calígula: um Estudo do De Ira (século I d.C.)*. Dissertação de Mestrado, UFF:Niterói, 2015, p.90.

<sup>16</sup> LISSNER, Ivar. *Os Césares: Apogeu e Loucura*. Tradução de Oscar Mendes. Editora Itatiaia, 1959, p.122.

<sup>17</sup> Ibid, idem, p.122.

detenção de sua mãe, foi Calígula colocado sob a proteção de Antônio, sua avó, depois enviado a Capri, à corte do velho imperador. Tinha então Calígula dezenove anos e, por bem ou por mal, teve de exercitar-se na arte da dissimulação”<sup>18</sup>. Segundo relatos na obra de Suetônio, Calígula servia a Tibério sem demonstrar ressentimento ou lembranças dos atos praticados contra a sua família, levantando indagações que consistiam em enfatizar que nunca antes pode-se ver “melhor escravo e pior senhor”<sup>19</sup>.

“Não ignorava o imperador Tibério suas secretas atividades. — É para desgraça minha e para perda do país que Caio ficou vivo! — dizia ele”<sup>20</sup>. Dado aos prazeres ditos “baixos”, a historiografia apresenta que Calígula sentia prazer na “crueldade” e um gosto propício ao exagero, pois “gostava de assistir às torturas e as execuções”<sup>21</sup>, bem como se disfarçar com uma “peruca, envolto em vestes amplas e que se arrastavam pelo chão, para visitar os botequins de má fama e os lupanares”<sup>22</sup>, exercitando seus prazeres carnavais, despejados em orgias sexuais rotineiras. As produções cinematográficas – em especial essa analisada por nós – se valeram dessa característica do Imperador, para focar e conceber seu Império como um local fadado a luxúria, cujo qual acaba por transpassar as funções do Imperador como administrador de Roma e, evidenciá-lo a partir de suas práticas e aventuras sexuais.

Nesse sentido, a produção do filme de 1979 em alguns momentos tende a conversar com a

historiografia apresentada acerca do período do Imperador Calígula. Tirando o enfoque das taxações sexuais ao qual o filme Calígula é baseado, podemos encontrar nas entrelinhas das películas filmáticas – em cenas diretas e indiretas – o contexto histórico que cerca essa filmagem. Uma das cenas que mais chama atenção logo no início do longa, é a de Tibério deixando em aberto quem o sucederá após sua morte. No púlpito onde são selados os decretos imperiais, Calígula acaba por carimbar sua própria sucessão com o apoio do General Macro – esse que segundo a historiografia, era o maior temor de Calígula<sup>23</sup> e no filme o mesmo aparece como seu aliado.

Ao que indica a conspiração para a morte de Tibério é executada pelo próprio Calígula como menciona Lissner: “Calígula havia envenenado o velho Tibério e retirado do dedo do velho, que ainda respirava, o anel que devia herdar. Diz-se também que sufocara com suas próprias mãos Tibério que tardava a morrer”<sup>24</sup>. No filme, esse ocorrido, parece ser reinterpretado numa cena onde quem aparece sufocando o Imperador Tibério é o General Romano Macro<sup>25</sup> – cuja historiografia, aponta como Prefeito dos Pretorianos – após o comando de Calígula que já tinha retirado do dedo do velho Tibério, o anel que deveria herdar e o tornar o Imperador legítimo. Fato esse que se torna comum dentro da história do Império Romano, dado as inúmeras tramas e atos de assassinatos para conseguir o controle administrativo de Roma e suas fronteiras.

<sup>18</sup> Ibid, idem, p.122.

<sup>19</sup> Ibid, idem, p.123.

<sup>20</sup> Ibid, idem, p.123.

<sup>21</sup> Ibid, idem, p.123.

<sup>22</sup> Ibid, idem, p.123.

<sup>23</sup> Ibid, idem, p.140.

<sup>24</sup> Ibid, idem, p.123.

<sup>25</sup> “Macro, prefeito dos pretorianos e sua esposa foram suas primeiras vítimas. Sucessor do infame Sejano, Macro havia

secundado ativamente Calígula por ocasião de sua subida ao trono. O imperador julgava-o incômodo. Nomeou-o vice-rei do Egito, depois, antes que os desgraçados subissem a bordo de seu barco, receberam Macro e sua esposa ordem de se matarem”. Retirado de LISSNER, Ivar. *Os Césares: Apogeu e Loucura*. Tradução de Oscar Mendes. Editora Itatiaia, 1959, p.124.

Sobre o funeral de Tibério, a produção do filme consegue construir o mesmo já relatado pela historiografia. Um funeral rápido, sem grandes pompas, tendo o “corpo de Tibério transportado por simples legionários”<sup>26</sup>. Nomeando em seguida Claudios como Cônsul Magistrado, bem como apontando para todos que deveriam prestar saudações e adorações a sua irmã Drúsila, essa com quem Calígula mantinha um romance e a fazia de sua amante.

Calígula era aclamado pelos romanos que “juraram por todos os deuses que estavam dispostos a morrer por Caio César”<sup>27</sup>. Com uma certa popularidade, Calígula investiu empenho em conquistar o povo de Roma. Mandou “distribuir dinheiro e organizou festas, corridas e caçadas ao leão, à pantera e ao urso”<sup>28</sup>, para amenizar e apaziguar as lembranças do terrível Império de Tibério. Organizou como parte do entretenimento da população a “abertura de concursos de oratória, em grego e em latim, e concurso de poetas”<sup>29</sup>, mas sem perder a sua “fama” de inclinação para a crueldade, como explana a historiografia, o “poeta mais medíocre era condenado a apagar com a língua os versos escritos nas suas tabuinhas”<sup>30</sup>. Calígula também prometeu ao povo “abolir os processos de lesa-majestade, repatriar os banidos e publicar regularmente as medidas concernentes à gestão do Estado”<sup>31</sup>.

O filme apresenta uma cena próxima a essa veneração e promoção do Imperador Calígula. Seu adoecimento e preocupação do povo romano com o Imperador são abordados na tela grande, com singela alusão a esse episódio da história, que

envolve preces e dias clamando pela melhora de Calígula. A historiografia remete ao levante do fato sobre a morte de sua irmã Drúsila e que Calígula teria feito com que seu corpo percorresse as cidades romanas, onde o povo deveria lhe prestar adorações como uma deusa. Ordenou o “luto popular, durante dias, semanas e meses”<sup>32</sup>. “As exclamações, as risadas dentro de casa, nos banhos, a alegria das refeições familiares, a das mulheres e crianças eram consideradas como delitos merecedores da pena de morte”<sup>33</sup>. Calígula ordenou que fossem feitos “altares à nova deusa (...) para o Panteon, templo do Estado romano, onde somente Júlio César e Augusto (...) eram venerados como deuses”<sup>34</sup> e a morte do Imperador Calígula pela Guarda Pretoriana. Nas películas do filme, esse fato abordado na historiografia do período de Calígula, a morte de Drúsila recebe doses de comparações, apenas diferenciando que em uma das cenas do filme, Calígula ao se encontrar transtornado com a morte de sua irmã sai às ruas disfarçado e ataca a população, acabando por ser preso pelos guardas romanos.

### **Conclusão:**

Contudo, o balanço de análise feito entre história e cinema nesse trabalho considera as apresentações de caráter histórico contidos no filme como uma contribuição a preservação histórica de memórias do Império Romano. Observamos que faltou ao longa a exposição das construções e importações de obeliscos vindas do Egito, na empreitada de Calígula em honra ao marco iniciado pelo Imperador Augustos. As

<sup>26</sup> LISSNER, 1959, p.123.

<sup>27</sup> Ibid, idem, p.123.

<sup>28</sup> Ibid, idem, p.124.

<sup>29</sup> Ibid, idem, p.124.

<sup>30</sup> Ibid, idem, p.124.

<sup>31</sup> Ibid, idem, p.124.

<sup>32</sup> Ibid, idem, p.125.

<sup>33</sup> Ibid, idem, p.125.

<sup>34</sup> Ibid, idem, p.125.

constantes cenas envolvendo orgias, prostituição das mulheres dos Senadores e as próprias experiências sexuais do Imperador Calígula, bem como a construção de um cenário cinematográfico de fomento para esse aspecto, por vezes quase comprometeu uma análise de contexto histórico mais profundo. Mas como toda produção cinematográfica que pretende atingir uma bilheteria de sucesso, atrativos como esse tornam-se necessários e para tanto, devemos levar em consideração o público alvo e a subjetividade de produção, visto que o filme é “inevitavelmente fruto e imagem da sociedade que o produziu, constituindo-se desta forma fonte primária<sup>35</sup> de alta qualidade e potencialidades, desde que bem perscrutadas por um historiador com pleno domínio de seu ofício”<sup>36</sup>.

---

**Danielle Guedes dos Santos** é Pós-Graduada em História Antiga e Medieval pela UERJ, graduada em História pelas Faculdades Integradas Simonsen e pesquisadora pelo Centro de Memória Realengo Padre Miguel (2015-2016).

---

### **Bibliografia:**

#### **Documentação Primária:**

Filme: *Calígula* (1979) – Dirigido por Tinto Brass, Giancarlo Lui e Bob Guccione.

#### **Documentação Secundária:**

- CARR, E. H. *Que é História?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- CUNHA, Hugo de Araujo Gonçalves da. *Poder e Violência em Sêneca na Época de Calígula: um Estudo do De Ira (século I d.C.)*. Dissertação de Mestrado, UFF:Niterói, 2015.
- FERRO, Marc. *O filme: uma contra-análise da sociedade?*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Dir.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.
- FRANÇA, Tiago; VENTURINE, Renata Lopes Biazotto. *UM ESTUDO SOBRE A “AS VIDAS DOS DOZE CÉSARES” DE SUETÔNIO*. VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais. Universidade Estadual de Maringá, 2000.
- GRALHA, Fernando. *No escuro do cinema: reflexões sobre as relações entre cinema e História*. Rio de Janeiro, Gnarus Revista de História, v. I, nº 1 – Novembro de 2012.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. São Paulo, Editora da UNICAMP, 1990.
- LISSNER, Ivar. *Os Césares: Apogeu e Loucura*. Tradução de Oscar Mendes. Editora Itatiaia, 1959.



<sup>35</sup> Neste trabalho, optamos na redação conceituar as documentações não como “fonte primária”, mas sim documentação primária.

<sup>36</sup> GRALHA, 2012, p.51.